

# A RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA E APROPRIAÇÃO DO NOVO MUNDO PELOS IMIGRANTES ALEMÃES NO SÉCULO XIX

Claudia Fernanda Pavan<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo ocupa-se da relação entre língua e apropriação do Novo Mundo pelos imigrantes alemães no século XIX. A necessidade de denominar novos elementos leva à criação de neologismos e à adoção de complexos de palavras da língua portuguesa motivadas, entre outras, por questões como subsistência, prestígio social e linguístico e lealdade à língua trazida da terra natal. Para demonstrar a inter-relação entre tais motivações e seus reflexos na língua desses imigrantes, parte-se de perspectivas teóricas da sociolinguística, da dialetologia pluridimensional relacional e da análise da correspondência trocada entre os imigrantes e seus familiares e amigos na matriz de origem.

**Palavras-chave:** apropriação do Novo Mundo pelos imigrantes alemães, neologismos, complexos linguísticos.

## Introdução

Neste artigo, a fim de demonstrar o papel da língua na apropriação do novo meio pelos imigrantes alemães no Brasil ao longo do século XIX, parte-se de perspectivas teóricas da sociolinguística e da dialetologia pluridimensional e relacional (RADTKE; THUN, 1999). A dialetologia pluridimensional e relacional leva em conta dimensões de análise distintas no espaço, entre as quais, a dimensão diatópico-cinética, própria da experiência migratória, caracterizada pela mobilidade espacial e social dos falantes –

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Sociolinguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Bolsista CAPES-PRINT. E-mail: claudia.pavan@ufrgs.br. Agradeço aos pareceristas anônimos pelas valiosas contribuições para a versão final deste artigo.

apontando para “falantes plurivarietais e até mesmo plurilíngues que apresentam em seu repertório linguístico competências em mais de uma variedade ou língua que se alternam e se interinfluenciam no uso concreto” (ALTENHOFEN; THUN, 2016, p. 373).

A metodologia do presente artigo tem por base o levantamento bibliográfico e a análise de cartas pessoais trocadas entre os imigrantes e seus familiares e amigos. Muitas dessas cartas compõem o banco de dados do ALMA-Histórico, parte integrante do projeto ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch)<sup>2</sup>, e que se constitui de dados de língua escrita, em especial um acervo de cerca de mil cartas privadas, escritas em comunidades de língua alemã em diferentes períodos históricos desde 1824, quando se iniciou a imigração para o sul do Brasil (ALTENHOFEN; MORELLO ET AL., 2018; ALTENHOFEN; STEFFEN; THUN, 2018; STEFFEN, 2016).<sup>3</sup>

As cartas trocadas nesse período representam testemunhos valiosos do olhar dos imigrantes sobre os acontecimentos que marcaram suas vidas naquela época. Nelas os imigrantes compartilham suas opiniões, emoções e frustrações bem como detalhes específicos do seu novo lar. As cartas trocadas entre os imigrantes e seus entes queridos são, ao mesmo tempo, documentos inestimáveis para o estudo da mudança e variação linguística que passaram a ocorrer a partir do contato das variedades de alemão faladas pelos imigrantes com as variedades linguísticas do novo meio.

Por se encontrar próxima do pólo comunicativo (cf. KOCH & OESTERREICHER, 1985), a correspondência pessoal contém elementos da oralidade, permitindo, assim, uma visão sobre o contato linguístico entre as variedades de alemão faladas pelos imigrantes e a língua portuguesa local já naquela época.

Na próxima seção será apresentado, de forma resumida, o contexto histórico, linguístico e social que marcava a vida dos primeiros imigrantes alemães chegados ao

---

<sup>2</sup> O projeto ALMA-H é coordenado pelo Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen pelo Prof. Dr. Harald Thun e contou, entre 2008 e 2012, com o apoio financeiro da Fundação Alexander von Humboldt. Trata-se de uma parceria interinstitucional entre o Instituto de Letras/Setor de alemão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o Instituto de Romanística da Universidade de Kiel. O projeto tem por objetivo descrever a variação e a mudança linguística do Hunsrückisch bem como das demais variedades do alemão em contato com o português e demais línguas na Bacia do Prata.

<sup>3</sup> As cartas apresentadas ao longo deste artigo encontram-se em duas publicações: livro *Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil*, organizado por Cléo Altenhofen, Joachim Steffen e Harald Thun e publicado em 2018, e o livro *Von Glauchau nach Brasilien – Auswanderer Briefe von Ida und Ottokar Dörffel (1854-1906)*, organizado por Judith Matzke e também publicado em 2018.

Brasil. A terceira seção trata primeiramente da noção de apropriação em relação às noções de assimilação, aculturação e integração, em seguida, aborda a inter-relação entre a necessidade de apropriar-se do novo meio e a lealdade à língua da terra natal e, por fim, o prestígio social e linguístico bem como a questão da subsistência e o papel desses aspectos na apropriação do novo meio com base em complexos linguísticos, a exemplo do complexo do cavalo (WILLEMS, 1944, 1946). A quarta seção apresenta as conclusões finais do artigo.

### **Imigração alemã no Brasil no século XIX**

Para os imigrantes alemães no século XIX, o Novo Mundo se apresentava na forma de um ambiente bastante diferente daquele do continente europeu, com o qual estavam acostumados. Nas cartas que trocavam com seus familiares e amigos, os principais temas são exatamente aqueles voltados às novidades do Novo Mundo, do novo ambiente: a viagem, a chegada, a descrição da colônia<sup>4</sup> de cada um bem como detalhes sobre as plantas e os animais encontrados no novo ambiente, as novas formas de cultivo da terra e de criação de animais, as comidas, a geografia, o clima – como ilustra o seguinte excerto:

Infelizmente, tivemos até agora mais chuva do que sol, pois, no verão, as tempestades ocorrem diariamente e são assustadoras: depois de cada relâmpago, há um estrondo tão violento que se tem a impressão de que um prédio de madeira está desmoronando e isso é seguido por trovoadas que parecem como uns 100 timpanistas no telhado. Quem não ouviu pessoalmente, não consegue fazer uma ideia clara da situação. [*Leider haben wir bis jetzt mehr naßes als trocknes Wetter gehabt, da im Sommer täglich Gewitter kommen, u[nd] diß in einem fürchterlichen Grade, nach jedem Blitz knattert es so gewaltig daß man denkt ein hölzernes Gebäude stürzt zusammen, u[nd] darauf folgt ein Donnerschlag daß man glaubt es seien 100 Paukenschläger auf dem Dache. Wer es nicht selbst hört; kann sich keinen deutlichen Begriff davon machen*] (MATZKE, 2018, p. 113).<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Enquanto em alemão, a palavra *Kolonie* designa a posse territorial ou a aglomeração de estrangeiros de uma dada nacionalidade no exterior, no Brasil, designa a propriedade ou o lote do colono ou ainda uma região habitada por colonos (OBERACKER JR., 1957). Matzke (2018) também faz referência ao sentido do termo *Kolonie* na época da imigração alemã, observando que se trata de um termo utilizado para designar os assentamentos de imigrantes, cujo sentido está ancorado no uso linguístico do português falado no Brasil.

<sup>5</sup> Carta escrita por Ida Dörffel, em Dona Francisca, em 15 de março de 1855, para a sogra, Christiane Charlotte Dörffel, em Glauchau na Alemanha.

Além disso, os imigrantes se preocupavam em dar detalhes bem informados sobre o novo ambiente para os conterrâneos que também estavam considerando a emigração para o Brasil. O seguinte excerto, de uma carta escrita por autor desconhecido em Teotônia, em 10 de outubro de 1858, aos parentes na Alemanha, ilustra essa preocupação:

Vocês provavelmente já comentaram diversas vezes sobre a demora da minha carta. Peço desculpas por não ter escrito antes, mas primeiro queria conhecer cada pedaço desta terra para poder enviar informações fidedignas. Coisas estranhas se apresentam ao imigrante a princípio, pois é uma terra cheia de morros e colinas, coisas com as quais não se está acostumado na Alemanha. [*Ihr werdet vielleicht schon öfter gesagt haben das daß Schreiben euch zu lange ausbleibe aber, ich bite um verzeiung den ich konte mich nicht eher dazufinden den ich wolte zuerst wissen wie es in allen Stücken in diesen Lande aus sähe damit ich ware auskunft erteilen könnte. Sonderbares bietet sich den einwanderer zuerst der da sihet man das ganze Land von lauter Gebirge und Bergen, welches man in Deutschland ja nicht gewohnt ist*] (ALTENHOFEN; STEFFEN; THUN, 2018, p. 119).<sup>6</sup>

Embora procurassem conferir uma atmosfera mais familiar ao seu entorno e atribuíssem grande valor à sua identidade, sua cultura e sua língua, isso não significa que os imigrantes alemães tivessem a intenção de recriar o ambiente do qual saíram. Como observa Singer (1998), apegar-se ao familiar é uma atitude natural, especialmente diante das dificuldades que esses grupos de pessoas enfrentaram logo que chegaram ao Novo Mundo. Contudo, haviam deixado para trás um ambiente de grande pobreza e miséria em busca de uma nova vida e desejavam fazê-la dar certo. Assim, consideravam de grande importância apropriar-se do novo meio bem como aprender a língua portuguesa, que representava a língua de prestígio, mas também de acolhimento.

Nesse contexto, surge a necessidade de designar elementos ainda desconhecidos ou com os quais tivessem menos contato anteriormente: “o meio físico diferia profundamente do meio ambiente europeu e impunha, paralelamente a outras mudanças culturais, a aquisição de uma terminologia que preenchesse as lacunas existentes no equipamento linguístico trazido dos países de língua germânica” (WILLEMS, 1946, p.

---

<sup>6</sup> As cartas em ALTENHOFEN; STEFFEN; THUN (2018) foram transcritas com base nos princípios da transcrição diplomática, ou seja, respeitando exatamente tanto a grafia quanto os aspectos referentes à forma do texto original. Nos excertos das cartas que aparecem neste artigo, manteve-se a grafia original, a forma, contudo, foi adaptada.

277). Por um lado, foram criadas novas palavras (neologismos)<sup>7</sup> com material linguístico do alemão; por outro, o contato com os novos vizinhos lusofalantes oferece material linguístico, muitas vezes assimilado às próprias regras gramaticais e de pronúncia do alemão.

### **Apropriação do novo meio e as noções de lealdade, prestígio e subsistência**

Nesta seção, apresenta-se inicialmente uma delimitação da noção de apropriação em especial em relação às noções de assimilação, aculturação e integração, muito utilizadas na literatura sobre processos migratórios, ainda que não se verifique uma unidade na sua definição (SINGER, 1998; HOFMANN, 2014). O foco na noção de apropriação, neste artigo, deve-se principalmente ao papel ativo que os imigrantes assumem quando se analisa o processo de imigração sob essa perspectiva.

Entre as definições para apropriação, pode-se citar: “**ato** ou efeito de apropriar(-se); **ação** de apoderar-se de algo [...]; **ato** de tornar algo adaptado ou adequado a um fim ou uso; **ato** de apoderar-se de algo abandonado ou aparentemente sem dono; invasão, ocupação (MICHAELIS, 2009, n.p. – grifos meus). Como se vê, quase todas as entradas acima começam com a palavra ‘ato’ ou ‘ação’, ou seja, a apropriação pressupõe agentividade, mesmo quando se trata de um sentido negativo, como o de invasão ou ocupação. É essa agentividade do imigrante alemão em sua relação com o novo meio que se pretende destacar ao longo deste artigo.

Singer (1998) define aculturação e assimilação como um continuum, no qual a aculturação representa a acomodação parcial a uma nova cultura e a assimilação, por sua vez, a acomodação total a esta. A noção de integração é tomada como sinônimo de assimilação por diversos autores. Para Giddens (1984), por exemplo, assimilação é sinônimo de integração social, que implica a assimilação do conjunto de valores, normas e regras do novo meio pelo imigrante. Esse é o caso também da definição do termo no dicionário Houaiss, no qual, sob a rubrica da sociologia, integração aparece como “ação, processo ou resultado de **assimilar completamente os indivíduos de origem estrangeira** ao seio de uma comunidade ou nação (do ponto de vista jurídico, linguístico

---

<sup>7</sup> O termo neologismo é utilizado ao longo deste artigo na acepção proposta por Anette Endruschat e Jürgen Schmidt-Radefeldt (2014): um lexema que surge em uma comunidade de fala em determinado período, disseminando-se entre os falantes, até que, com o tempo, passa a integrar o vocabulário e os dicionários dessa língua.

e cultural), formando um único corpo social” (HOUAISS, 2008, n.p. – grifos meus). Spreafico (2009), que discute especificamente a noção de integração e sua relação com as sociedades de imigração, aponta para o caráter polissêmico da noção, que, “em contextos diversos e para usos sociais diferentes, foi também chamada de “assimilação”, “incorporação”, “inserção”, “adaptação”, “inclusão”” (SPREAFICO, 2009, p. 129).

É certo que não se pode resumir em poucos parágrafos os diversos aspectos relacionados a cada uma dessas noções, afinal, as relações que os imigrantes estabelecem com o novo meio configuram processos dinâmicos – visto que o movimento é característica elementar do processo migratório – e complexos – pois envolvem aspectos da esfera social, cultural e linguística, entre outras. Contudo, para o escopo deste artigo, enquanto assimilação, aculturação e integração pressupõem uma ação sobre os imigrantes, a noção de apropriação pressupõe uma ação dos imigrantes sobre o novo meio. Essa é perspectiva que orienta a visão sobre os fenômenos linguísticos que serão apresentados adiante.

Outra noção que precisa ser esclarecida neste ponto é a noção de lealdade linguística. No contexto deste artigo, lealdade linguística está relacionada ao sentimento de pertencimento e de apego ao familiar – que, como já se constatou anteriormente, é uma atitude natural quando tudo que se conhece fica para trás. No escopo da pesquisa apresentada neste texto, o conceito de lealdade linguística não se estende à tentativa consciente de manter o purismo da língua alemã, de evitar que seja influenciada pelas variedades locais ou de tratá-la como uma causa a ser defendida, “em nome da qual os falantes se mobilizarão de forma consciente e explícita para resistir a mudanças [...]” (WEINREICH, 1953, p. 99).<sup>8</sup>

O que se verifica, portanto, em consequência da imigração, é um movimento de conciliação entre a lealdade à língua que trouxeram consigo – que, afinal, representa um dos mais fortes elos entre os imigrantes e seus descendentes e a terra natal – e a apropriação do novo meio que os imigrantes desejam transformar em seu novo lar. Nesse contexto, surgem os neologismos, criados a partir das novas experiências no novo meio, mas com material linguístico das variedades linguísticas faladas pelos imigrantes alemães. É o caso, por exemplo, das seguintes palavras: *Scheereschliffer* (pt. Tesourinha

---

<sup>8</sup> Do inglês: “in the name of which people will rally themselves and their fellow speakers consciously and explicitly to resist changes [...]”

– pássaro cuja cauda lembra uma tesoura), *Dreckbauer* (pt. João-de-barro), *Keesboom* / *Keesbaum* (pt. Umbu) (STEFFEN; ALTENHOFEN, 2014; ALTENHOFEN; MORELLO ET AL., 2018).

A Tesourinha (*Tyrannus savana*) é um pássaro típico do continente sul e centro-americano, contudo, são mais numerosas na região sul do Brasil. A designação dada pelos teuto-brasileiros, *Scheereschliffer*, significa ‘afiador de tesouras’. É interessante notar que há registros desse termo em textos e dicionários alemães do século XIX. O mesmo se refere, porém, a uma espécie de cigarra, comum à região do Rheinland-Pfalz que aparecia frequentemente nos vinhedos da região e cujo canto se assemelhava ao som de um afiador de tesouras (ZIMMERMANN, 1914). É o som e não a aparência do animal que determina a denominação utilizada naquela região. O termo *Scheereschliffer*, utilizado pelos imigrantes alemães no Brasil, configura, pois, um neologismo por ressignificação semântica: o termo utilizado para denominar uma cigarra da região do Rheinland-Pfalz passa a ser utilizado para denominar um pássaro anteriormente desconhecido.

O João-de-barro (*Furnarius rufus*) é um dos pássaros mais populares das regiões Sul, Sudeste e Centro-oeste do Brasil e tem esse nome por construir ninhos de barro em postes, porteiras, galhos de árvores e até mesmo beirais de janelas (DUNNING; BELTON, 1993). O nome dado pelos imigrantes alemães, *Dreckbauer*, tem o sentido de ‘aquele que constrói com barro’. O termo *Dreckbauer* aparece já no século XIX, como registra o *Südhessisches Wörterbuch* (1965-1968) – dicionário, compilado na Universidade de Gießen, que documenta os dialetos Francônio-Renanos do sul do Hesse e do Hesse renano.

Nesse dicionário, contudo, o termo aparece com sentido bastante diferente daquele utilizado no Brasil: *Dreckbauer* é usado com sentido pejorativo, como xingamento. Entre os sentidos apresentados, *Dreckbauer* faz referência à (1) falta de higiene de pessoas da área rural; (2) a. pessoa suja, b. pessoa repugnante. Também nesse caso tem-se uma ressignificação semântica: o sentido que a palavra adquire no novo ambiente é inédito – embora a forma seja a mesma, seu conteúdo semântico é outro.

A palavra *Dreck*, utilizada pelos imigrantes com sentido de “barro” em *Dreckbauer*, apresenta, ainda na atualidade, carga semântica predominantemente negativa tanto no alemão standard quanto nas variedades de língua alemã faladas no Brasil, significando “sujeira” ou “coisa inferior ou sem valor” (DRECK, 2021).

O Umbu (*Phytolacca dioica*)<sup>9</sup> é uma árvore nativa do Rio Grande do Sul. Trata-se de uma árvore de porte grande e folhas largas, famosa nas histórias e lendas gaúchas pela sombra que oferece. Sua madeira, contudo, é muito porosa, apodrece facilmente, “é farelenta, quebradiça, de pouca duração, parece feita de uma casca em cima da outra” (JAEKEL, c2021). A porosidade dessa árvore explica, assim, o nome que lhe foi dado pelos imigrantes alemães, *Kessboom* [árvore de queijo], pois faz lembrar a porosidade de certos tipos de queijo.

As palavras apresentadas acima são apenas alguns exemplos dos neologismos criados pelos imigrantes alemães e, como se pode perceber, estão relacionadas a elementos naturais muito comuns nas regiões nas quais se estabeleceram. Há muitos outros neologismos, que, segundo Oberacker Jr. (1957), estão relacionados à “necessidade lingüística, decorrente não só da transplantação de comunidades alemãs para um meio inteiramente diverso, como também pelo horizonte e vocabulário limitados dos imigrantes” (OBERACKER JR., 1957, p. 1). Contudo, o “uso plurilíngue e plurivarietal ativa **processos e habilidades extremamente complexos**. Por isso, não dá para dizer “que colono é... menos capaz”, no uso das línguas; pelo contrário!” (ALTENHOFEN, MORELLO ET AL., 2018, p. 77 – grifos meus), o que se opõe, portanto, à noção de limitação lingüística apresentada por Oberacker Jr.

Além disso, o grande número de neologismos aponta para uma postura ativa e criativa dos imigrantes em relação à língua, uma vez que, como bem observa Coseriu (1983), a língua, sob uma perspectiva conceitual dinâmica, é uma atividade criativa. O novo meio, repleto de novidades, possibilita a seus novos moradores colocar em prática duas características elementares no processo de apropriação: sua agentividade e sua criatividade, como mostram ainda termos como: *Tannenzapfen* (‘pino/cone do pinheiro’ = pinhão), *Sandhase* (‘coelho da areia’ = preá), *Wassehuhn* (‘galinha da água’ = saracura), *Batatenblume* (‘flor da batata’ = dália), *Sandfloh* (‘pulga da areia’ = bicho-do-pé).

Outros neologismos foram claramente criados através da tradução direta de palavras da língua portuguesa para a língua alemã, como ilustra a tabela a seguir:

---

<sup>9</sup> A árvore conhecida como umbu (*Phytolacca dioica*), típica do Rio Grande do Sul, não é a mesma que ocorre no nordeste do Brasil, chamada de umbuzeiro (*Spondias tuberosa L*), cujo fruto se chama umbu.

Tabela 1 – Neologismos criados por tradução direta

<b>Português</b>	<b>Variedades de alemão no Brasil</b>
Erva-de-porco / Beldroega	Schweinekraut
Onze horas (flor)	Elfuhrblume
Mal-da-terra / Amarelão	Landskrankheit
Barba-de-bode	Bocksbart
Jogo do osso	Knochenspiel
Erva-tremedeira	Zittergrass
Capim-elefante	Elefantengrass
Lírio do mato	Waldlilie
Couve-manteiga	Butterkohl
Banana-maçã	Apfelbanane
Bomba de chá (chimarrão)	Teebombe
Cuia de chá (chimarrão)	Teekuje
Cigarro de palha	Paljezigarre
Picada	Pikade
Colônia	Kolonie / Koloni / Colonie

Fonte: de autoria própria, com base em Willems, 1946.

Outra noção relevante no processo de apropriação do novo meio é a noção de prestígio. Como já mencionado anteriormente, os primeiros alemães que emigraram para o Brasil vinham, em sua grande maioria, das camadas mais pobres da população rural. Assim, viam no empréstimo de certos valores culturais do país de acolhida a possibilidade de ascensão social. Para esses imigrantes, o prestígio representava um elemento decisivo no processo de apropriação do novo meio (WILLEMS, 1944), no qual a língua tem papel elementar.

Willems (1944) exemplifica a dinâmica da adoção de palavras do português pelos imigrantes alemães através de complexos linguísticos, entre os quais o complexo do cavalo. Willems salienta que a adoção desse complexo não se deu apenas com base no prestígio da cultura gaúcha em relação a outras culturas regionais brasileiras, mas também a associações que a maioria dos alemães fazia em relação ao cavalo de sela, trazidas de sua própria cultura, na qual os trabalhadores do campo ou pequenos proprietários não possuem cavalos de sela, este representa “um dos mais caros luxos das classes altas. Possuir um puro-sangue ou criar um puro-sangue para corridas é sempre um meio de melhorar ou manter uma posição social de prestígio relativamente alto” (WILLEMS, 1944, p. 155).

Em cartas trocadas nesse período entre os imigrantes e seus familiares e amigos que ficaram na terra natal, o apreço pelo cavalo também é documentado, como ilustram os seguintes excertos de cartas escritas por Ida Dörffel em 1855 e 1857 à sogra e à cunhada respectivamente:

Ganhei, de Natal, uma bela sela lateral, vinda de Santa Catarina. No lugar do estribo, ela tem pequenas pantufas vermelhas, decoradas com lindos bordados. [*Einen wunderschönen Damensattel habe ich zu Weihnachten bekommen, er ist aus S[an]t.[a] Chatarina, hat als Steigbügel einen kleinen rothen Pantoffel u[nd] ist mit vielerlei Stickerei verziert*] (MATZKE, 2018, p. 113).

[U]m dia vou te emprestar minha sela lateral para que também possas conhecer o prazer de cavalgar [...]. [*nun werde ich Dir meinen Dammensattel einmal borgen, damit Du auch das schöne Vergnügen des Reitens kennen lernst [...]*] (MATZKE, 2018, p. 198).

Dessa forma, os imigrantes adotam muitos valores culturais e ambientais relacionados à posse e à criação de cavalos: a vantagem de cavalos marchadores, que oferecem ao cavaleiro maior conforto mesmo em longos trajetos; a vestimenta dos gaúchos: chapéu, lenço, bombacha; os tipos de sela e de equipamentos de montaria; os cuidados com os animais; o uso do laço e das boleadeiras.

O complexo do cavalo ilustra, além do prestígio social, o prestígio linguístico. Como observa Willems (1944), os teuto-brasileiros assumiram não apenas as características culturais relacionadas à figura do cavalo, mas ainda todo o vocabulário correspondente a esse complexo em português, embora existissem palavras em alemão para designar os elementos referentes a esse complexo, como será ilustrado adiante. Segundo Willems, “há fortes evidências de que os colonos desejavam adotar o maior número possível de palavras em português, porque o uso dessa língua contribuía para quebrar o isolamento cultural e facilitar seus esforços em busca de um melhor status” (WILLEMS, 1944, p. 157-158).<sup>10</sup>

A busca por um melhor status bem como os esforços em apropriar-se do novo ambiente explicam, portanto, a adoção de palavras da língua portuguesa local, embora

---

<sup>10</sup> Do inglês: “There is strong evidence that the settlers wished to adopt the largest possible number of Portuguese words because the use of this language contributed to break down cultural isolation and to make the struggle for status much easier.”

existissem termos para designar todos os elementos relacionados ao complexo do cavalo na língua alemã, como ilustra a tabela abaixo:

Tabela 2 – Palavras referentes ao complexo do cavalo

<i>Português</i>	<i>Alemão – variedades brasileiras<sup>11</sup></i>	<i>Alemão – variedade standard</i>
Broca	Brok	Hufrehe
Cabresto	Kabrest, gabrest, kaprest	Halfter
Carreira	Karére, Karéie	Pferderennen
Chicote	Sikót	Peitsche
Chucro	Súker	Wildpferd
Égua	Égva	Stute
Empacador	Pakadór	störrisches Pferd
Garupa	Garúp	Kruppe
Malacara	Markáre	Pferd mit weißer Stirn
Matungo	Matunge	Altes Pferd
Pasto	Bast, Past	Weide
Pelego	Peléég, Peléger	Schafsfell
Potreiro	Potrér	Gehege
Rédea	Rédie, Relin	Zügel
Selim	Salín	Sattel
Tropeiro	Tropéro	Mann, der eine Pferdeherde führt

Fonte: de autoria própria com base em Willems, 1944.

Em outra oportunidade, no livro *Aculturação dos alemães no Brasil*, Willems (1946) apresenta uma lista de palavras do português adotadas pelos imigrantes alemães e observa que das palavras utilizadas para denominar animais domésticos, a grande maioria está relacionada ao cavalo e aos equipamentos de montaria. Novamente, Willems ressalta a adoção do vocabulário em língua portuguesa para o complexo do cavalo e o consequente abandono do vocabulário em língua alemã nesse contexto: “é digno de nota que, salvo pouquíssimas exceções, o vocabulário alemão concernente ao cavalo se perdeu nas comunidades puramente rurais” (WILLEMS, 1946, p. 302). Além disso, já desde cedo, os imigrantes alemães percebem como a criação de animais, ao lado da agricultura, é essencial para a sobrevivência e subsistência da vida nas colônias (ALTENHOFEN; STEFFEN; THUN, 2018).

<sup>11</sup> Neste artigo não serão tratadas as diferenças entre as diversas variedades dialetais trazidas pelos alemães. Embora um grande número de falantes tenha vindo da região do Hunsrück, além do Hunsrückisch, muitas outras variedades se encontram no Brasil, como o westphaliano e o pomerano (cf. STEFFEN, 2016).

Em consequência disso, são adotadas diversas palavras relacionadas ao complexo dos animais domésticos bem como ao complexo da agricultura:

**Potreiro** [...] é um campo para o gado, em volta dele se faz uma cerca e são colocadas estacas que deixam a cerca firme e robusta para que nenhum animal possa sair. O gado fica nesse potreiro o ano todo, dia e noite, e vem como no estábulo e isso é muito melhor para o gado [...] no inverno, acrescenta-se um pouco de **milho** e **abóbora** [...] Para os porcos, constrói-se um cercado [...], só que não é chamado de cercado, mas de **curral**. Os porcos ficam nesse **curral** dia e noite. [*Patrer [...] ist eine Weide für das Fieh da wird ein Zaun darum gemacht und es werden Pfähle aufgestellt und es kompt den der is durch zuliegen und so wird der Zaun fest und stark das kein Fieh heraus kan in solche **Patrer** geht das Fieh die das ganze Jahr Tag und Nacht und kommen wie auf den Stall und das ist ja viel beser für das Fieh [...] im Winter wird etwas **Milge** und **Poben** zugefüttert [...]. Für die Schweine wird ein Hoff gemacht [...] aber man nent ihn nicht Hoff sondern **Korahl** in diesen **Korahl** gehen die Schweine Tag und Nacht*] (ALTENHOFEN; STEFFEN; THUN, 2018, p. 120 – grifos nossos).<sup>12</sup>

O autor da carta esclarece, nesse excerto, a adoção e o sentido das palavras *Patrer* e *Korahl*, variantes germanizadas de “potreiro” e “curral” respectivamente, salientando que esses são os termos utilizados no novo meio. Nota-se, porém, que não explica a adoção de *Poben* e *Milge*, como se assumisse que seus interlocutores estivessem familiarizados com essas palavras.

*Poben* é uma das variantes para abóbora que aparecem nas cartas dos imigrantes alemães e, ao que tudo indica, representa a forma germanizada da palavra abóbora. Altenhofen (1996) ressalta que é rara a ocorrência de palavras proparoxítonas no Hunsrückisch, o que justificaria a redução da forma do português abób[o]ra e sua germanização, e Steffen (2016) observa que a desonorização inicial de consoantes sonoras, como ocorre em *Poben*, representa um reflexo dessa variedade dialetal na grafia. Atualmente, a forma mais popular em Hunsrückisch é *Bower*, conforme dados do ALMA-H: “[e]m todos os pontos, pelo menos um grupo de informante usa *Bower* de forma espontânea” (TAVARES DE BARROS, 2020, p. 989).

Contudo, o motivo pelo qual o autor da carta em questão não considera necessário explicar o termo não está claro, uma vez que na mesma carta o autor deixa

---

<sup>12</sup> Carta escrita por autor desconhecido em Teotônia, 10 de outubro de 1858, aos parentes na Alemanha.

claro que se trata da primeira vez que escreve para dar notícias sobre o novo ambiente, conclui-se que não mencionou nem explicou o termo em cartas anteriores. Uma hipótese seria a importância do cultivo da abóbora para as comunidades de imigrantes já nas fases iniciais da imigração e a consequente familiarização com o termo, a ponto de não ser mais percebido como estrangeiro e, por isso, não necessitar explicação. Coseriu (1983) destaca que a mudança linguística não é percebida pelos falantes: estes “normalmente estão convencidos – no que diz respeito à sua própria atividade – de que estão continuando uma tradição linguística sem mudanças” (COSERIU, 1983, p. 53).<sup>13</sup>

Em relação à variante *Milge*, talvez se trate de um termo já utilizado ou semelhante a algum termo utilizado na matriz de origem do autor da carta à época de sua partida. Barghini (2004), por exemplo, ao discutir a imprecisão terminológica na designação de plantas exóticas no meio europeu, como o milho, menciona que este era conhecido, já no século XVI, como *Meliga* ou *Melica* no norte da Itália – denominação que se mantém na variedade dialetal daquela região ainda atualmente, como ilustram os seguintes excertos:

Especialmente nesta época do ano, é lindo observar a paisagem campestre e capturar toda a beleza em um campo de *meliga*, *granoturco* ou *mais* [milho], como você quiser chamá-lo (PEPE, 2018, n.p. – grifos meus).<sup>14</sup>

Paste di *Meliga* são biscoitos típicos dos vales de Cuneo. [...] têm uma receita antiga e são biscoitos tradicionais feitos nas casas dos colonos com ingredientes domésticos (farinha, farinha de milho). Na região de Barge recebem o nome de "batiaje" por serem oferecidos durante o batismo e na festa para celebrá-lo (batizar - battezzare, batjè em piemontês) (PROVINCIA DI CUNEO, c2017, n.p. – grifos meus).<sup>15</sup>

Ainda que grande parte dos imigrantes alemães chegados ao Brasil no século XIX viessem da região do Hunsrück, é fundamental levar em conta, como explica

---

<sup>13</sup> Do inglês: “normally are convinced - so far as their own activity is concerned - that they are continuing a linguistic tradition without change.”

<sup>14</sup> Do italiano: “Bello in questo particolare periodo dell’anno osservare la campagna e cogliere tutta la bellezza in un campo di meliga, granoturco o mais, come lo volete chiamare

<sup>15</sup> Do alemão: “Die Paste di Meliga sind typische Kekse der cuneesischen Täler. [...] [sie] haben ein uraltes Rezept und sind traditionelle, in den Bauernhäusern mit häuslichen Zutaten (Mehl, Maismehl), hergestellte Kekse. In der Gegend um Barge haben sie den Namen „batiaje“ erhalten, da sie zur Taufe und dem Fest dazu angeboten wurden (taufen – battezzare, batjè auf piemontesisch).”

Altenhofen (1996), que se tratava, nesse período, de uma região de fronteiras difusas, na qual não havia uma variedade linguística única. Embora Altenhofen defina a variedade dessa região como *rheinisches Hunsrückisch* (RhHr.), ele alerta para a possibilidade de que “certos fenômenos transcendam os limites do RhHr. devido à heterogeneidade dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e à forma particular de composição do Hrs. [riograndenser Hunsrückisch]” (ALTENHOFEN, 1996, p. 18). Assim, visto que os imigrantes vinham de diferentes regiões da matriz de origem, a associação histórica com a base de partida deve ser considerada como um critério relativo (ALTENHOFEN, 1996).

Além das variantes *Meliga* e *Melica*, mencionadas por Barghini (2004), é possível rastrear a ocorrência da variante *Melga* e de variantes semelhantes em textos e dicionários de língua alemã de séculos passados. Catani (1781) descreve, em texto para a revista *Der Sammler*, publicada em Chur/Suíça, entre os anos de 1779 e 1784:

Entre todos os cereais cultivados na Valtelina, nenhum é tão pouco conhecido nos Grisões como aquele chamado Melga (Melica). [...] Três tipos são plantados na Valtelina: 1. Melga-vassoura, 2. Melga de espiga marrom escuro, 3. e Melga de espiga marrom claro. [...] Os grãos [da Melga-vassoura] servem apenas para alimentar aves. Já da Melga de espiga obtém-se uma farinha que, por ser muito curta, não serve para nada a não ser para fazer polenta [...] (CATANI, 1781, p. 79-81).<sup>16</sup>

As denominações *Melga*, *Besenmelga* e *Kolbenmelga*, descritas por Catani (1781), ainda são registradas no suíço alemão atualmente, na variedade dialetal falada na região dos Grisões<sup>17</sup>: *Melge*, *Bäse-Melge* e *Cholbe-Melge* respectivamente, referem-se, porém, apenas à espécie *Sorghum Bicolor*, conhecida no Brasil como sorgo ou milho-zaburro. No dicionário de suíço alemão *Schweizerisches Idiotikon* (1881), aparecem duas entradas para a variante *Melge*: (1) Milho, (2) Sorgo.<sup>18</sup> Já o dicionário do médio-alto-alemão de Matthias Lexer (1878) [*Mittelhochdeutsches Wörterbuch von Matthias Lexer*]

---

<sup>16</sup> Do alemão: “Unter allen Getreidarten, die in Veltlin gepflanzet werden, ist keine in Bündten weniger bekannt, als diejenige, die man in Veltlin Melga (Melica) nennet. [...] Es werden im Veltlin dreierlei Arten gepflanzet: 1. Die Besenmelga, 2. Die dunkelbraune Kolbenmelga, 3. und die hellbraune Kolbenmelga. [...] Die Körner [der Besenmelga] dienen allein der Federvieh zu füttern; hingegen mahlt man aus der Kolbenmelga Mehl, welches, weil es sehr kurz ist, zu nichts taugt als Polenta daraus zu verfertigen [...]”

<sup>17</sup> Conforme descrição do Projeto Alemannische Pflanzenname, que tem por objetivo reunir os nomes de plantas presentes nas regiões de língua alemã nas diversas variedades dialetais germânicas. Disponível em: [https://als.wikipedia.org/wiki/Alemannische\\_Pflanzennamen\\_\(nach\\_Systematik\)](https://als.wikipedia.org/wiki/Alemannische_Pflanzennamen_(nach_Systematik)).

<sup>18</sup> Do alemão: “(1) Mais, (2) Sorghum.”

registra a variante *milgen* como verbo, com sentido de “demolhar o cereal, escaldá-lo, prepará-lo como alimento para animais.”<sup>19</sup>

Em textos e dicionários de língua italiana, as variantes *Meliga* e *Melga* aparecem com frequência, como ilustrado anteriormente. James (1970) observa que, ao que parece, o termo *Melica* e suas variantes (*Melga*, *Melega*, *Meliga*) são utilizados indiscriminadamente para denominar tanto o milho quanto o sorgo e o trigo sarraceno, especialmente em variedades dialetais do norte da Itália, como o piemontês.

Esse contexto histórico-linguístico, a heterogeneidade dos grupos emigrados e a difusão das fronteiras na época da emigração para o Brasil, como observado por Altenhofen (1996), bem como as imprecisões terminológicas relacionadas ao milho podem representar indícios que esclareçam o uso da variante *Milge* no excerto da carta apresentado acima e sobretudo o porquê do autor da carta não considerar necessário explicar o sentido da palavra para seus interlocutores alemães. Além disso, o uso de uma variante trazida da terra natal ilustra o conceito de lealdade linguística apresentado neste artigo.

Contudo, no seguinte excerto de uma carta escrita por Aloysio e Alwine Bruch, em Linha Laju, Mondaí – SC, 19 de novembro de 1963, para Henrique Petry, em Linha Nova – RS, a adoção da palavra ‘milho’, inclusive com a grafia em português, aponta para a importância dessa cultura para a subsistência dos imigrantes bem como para a crescente instauração do bilinguismo (STEFFEN, 2016):

[...] A **mandioca**, que foi plantada cedo, cresceu muito bem. Por conta do longo período de tempo chuvoso, muito se estragou. Plantamos muito **milho** e **sorgo**, alguns deles já têm espigas pequenas, outros ainda estão florescendo. Como estava muito úmido por muito tempo e depois por causa das longas chuvas, receberam [inserido: pouco] sol, por isso o **milho** ficou tão pequeno. [...] *der frügeflanzte Maniok ist sehr gut aufgegangen, durch das wochenlange regenwetter ist viel kabut gegangen, Milho und Futtermilho haben wir vil geflanzt etliche haben schon kleine Kolben, andere noch die kommen jetzt die blüte, dadurch das es so lange so dämbich war und danach der lange Regen kam zu [eingefügt/inserido: wenig] Sonne dadurch sind die Milho so klein gebliben*] (ALTENHOFEN; STEFFEN; THUN, 2018, p. 310 – grifos meus).

---

<sup>19</sup> Do alemão: “das getreide einweichen, abbrühen, als viehfutter zubereiten.”

Além disso, o uso da palavra ‘milho’, segundo Altenhofen, Steffen e Thun (2018), indica uma possível consciência do falante de que se trata de uma forma da língua portuguesa. Além da variante *Milge*, discutida anteriormente, são registradas outras variantes para milho adotadas pelos imigrantes alemães, a mais produtiva delas é *Milje* e suas combinações: *Miljehitt* ‘paiol’, *Miljemehl* ‘farinha de milho’, *Puffmilje* ‘milho pipoca’, *Miljestick* ‘plantação de milho’, *Miljeloob* ‘palha de milho’, *Futtermilje* (espécie de sorgo, utilizado na alimentação animal), *Miljebock* ‘caruncho do milho’, entre outras. Altenhofen, Steffen e Thun (2018, p. 310) salientam que “trata-se de um dos empréstimos do português com maior número de palavras compostas derivadas” – o que atesta a importância dessa cultura para a subsistência dos teuto-brasileiros.

A farinha de milho e de mandioca bem como outras variedades de cereais e farinhas, como alternativas ao uso da farinha de trigo<sup>20</sup> na confecção do pão (ou até para substituí-lo) aparecem em diversas cartas:

O solo aqui é geralmente muito produtivo, alguns produtos, como batatas, pode-se colher duas vezes por ano. Os principais produtos, porém, que o colono traz para o mercado, são, em primeiro lugar, o **milho (miljos)** ou ‘**Welschkorn**’, usado também para assa seu pão [...] Essa farinha, da qual acabei de falar, é obtida da raiz de mandioca e é utilizada com bastante frequência, entre os brasileiros, como pão, já que eles não assam pão. [*Der Boden hier ist im Allgemeinen sehr ergiebig, manches wie z. B. Kartoffeln erntet man 2 mal jährlich. Die Hauptprodukte aber, die der Bauer zu Markte bringt, sind in erster Reihe der Mais (Miljos) od. [er] Welschkorn, von was er auch sein Brod bäckt [...] Dieser Farinha, von dem ist eben sprach, ist ein von der Mandiokawurzel gewonnenes Mehl und wird sehr oft, unter den Brasilianern fast durchweg als Brod benützt, da dieselben kein Brod backen*] (ALTENHOFEN; STEFFEN; THUN, p. 164-165).<sup>21</sup>

Enquanto isso, nós nos ocupamos com a preparação da **araruta**, da qual se obtém a mais delicada farinha de amido, usada para sopas e iguarias preparadas com farinha. Na Europa, ela é muito cara e comprada apenas para os doentes; para grandes eventos, é muito vantajosa, pois substitui, até supera, a cara farinha de trigo em muitos pratos, e por essa razão

---

<sup>20</sup> A cultura do trigo na nova terra trouxe grandes dificuldades e desafios para os imigrantes. As plantações de trigo sofriram com as oscilações climáticas, com o excesso de chuva, com pragas e doenças – como a ferrugem (CUNHA, 1988). Além disso, outros problemas contribuíram para o fracasso do cultivo de trigo no sul do Brasil, entre os quais estão a criação de gado, graças ao desenvolvimento das charqueadas e “a concorrência americana que põe fim à produção gaúcha de trigo e transforma o próprio Rio Grande do Sul em consumidor de seu cereal e de sua farinha” (CUNHA, 1988, p. 47).

<sup>21</sup> Carta escrita por Johann Diemer, de “São João do Monte Negro”, 03 de janeiro de 1889, para o amigo Seibert, na Alemanha.

plantamos uma boa quantidade dessa raiz [...]. [*Nebenbei haben wir das Zubereiten des Arrarut's (Arrowroot)*], woraus das feinste Stärkemehl gewonnen wird, man verwendet es hier zu Suppen und] feinen Mehlspeisen. In Europa ist es sehr theuer und wird nur für Kranke gekauft, für hiesige Wirthschaften ist es von großen Vortheil da es bei vielen Speisen das theuere Waizenmehl ersetzt, ja übertrifft, und wir haben auch aus diesem Grunde ein hübsches Theil dieser Wurzel gepflanzt [...]] (MATZKE, 2018, p. 134).<sup>22</sup>

Além disso, tenho para contar que, há algum tempo, faço um pão bem bom, com uma mistura de farinha de milho, farinha de arroz e **farinha de mandioca**[...]. [*Ferner habe ich Dir zu erzählen daß ich schon seit längerer Zeit recht gutes Brod backe, aus einen Gemisch von Maismehl, Reismehl und Farinja*<sup>23</sup> [...]] (MATZKE, 2018, p. 189).<sup>24</sup>

A apropriação do novo meio se entrelaça com questões referentes à subsistência, ao prestígio, a valores e à cultura. Nesse sentido, vale lembrar que a origem da palavra “cultura” está relacionada ao cultivo agrícola. Em situações de migração, esse entrelaçamento homem-meio se intensifica, uma vez que os imigrantes sentem a necessidade de recriar espaços familiares e fazem isso através de sua bagagem cultural, de seus valores e de suas crenças. A apropriação do novo meio, contudo, pressupõe mudanças e reorganização de conceitos e de valores e nessa reorganização a língua desempenha um papel de destaque.

### Considerações finais

Neste artigo, procurou-se mostrar a íntima conexão entre línguas em contato e a noção de apropriação do novo meio bem como sua influência na trajetória linguística, social e histórica dos imigrantes alemães no Brasil ao longo do século XIX. Nesse contexto, a criação de palavras (neologismos) com material da língua alemã pode ser interpretada como uma forma de conciliar a lealdade à língua da terra natal e a necessidade de denominar sobretudo elementos naturais desconhecidos, distantes ou inexistentes no seu ambiente de origem, mas que passaram a fazer parte da vida cotidiana

---

<sup>22</sup> Carta escrita por Ida Dörffel, em Dona Francisca, 20 de setembro de 1855, para a sogra, Christiane Charlotte Dörffel, em Glauchau na Alemanha.

<sup>23</sup> O termo “farinja”, ou na variedade do Hunsrückisch “Farin”, refere-se à farinha obtida da mandioca (cf. ALTENHOFEN; STEFFEN; THUN, 2018; MATZKE, 2018).

<sup>24</sup> Carta escrita por Ida Dörffel, em Dona Francisca, 22 de setembro de 1857, para a sogra, Christiane Charlotte Dörffel, em Glauchau na Alemanha.

dos imigrantes no Novo Mundo. Um mundo estranho e desconhecido, mas do qual precisavam apropriar-se para poder sobreviver e prosperar.

Além dos neologismos, os imigrantes adotaram palavras da língua portuguesa não apenas para preencher “lacunas em seu equipamento linguístico” (WILLEMS, 1946, p. 277), mas por decidirem que a adoção de certos termos na nova língua lhes era, de alguma forma, vantajosa, como ilustra o complexo do cavalo.

Percebe-se, assim, que as adoções, criações e decisões linguísticas feitas pelos imigrantes alemães e motivadas pela vida no novo meio apontam para habilidades linguísticas criativas e complexas, que caracterizam esses falantes como agentes dos processos e fenômenos linguísticos, como os que foram ilustrados neste artigo, e mostram o êxito das comunidades teuto-brasileiras na apropriação do novo meio. Essa apropriação pressupõe mudança, renovação e reorganização de conceitos e de valores, pressupõe ainda a conciliação entre o passado e o presente, o velho e o novo – o que se reflete na e através da língua.

## Referências

ALTENHOFEN, Cléo. Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart : Steiner, 1996. 444 p. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung; 21).

ALTENHOFEN, Cléo. Standard und Substandard bei den Hunsrückern in Brasilien: Variation und Dachsprachenwechsel des Deutschen im Kontakt mit dem Portugiesischen. BÜRING, Daniel; LENZ, Alexandra N.; RITT, Nikolaus (Hg.): *German Abroad: Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt und Mehrsprachigkeitsforschung*. Göttingen. V&R unipress, p. 103-129, 2016.

ALTENHOFEN, Cléo. Stützung des Spracherhalts bei deutschsprachigen Minderheiten: Brasilien. In: Ammon, Ulrich; Schmidt, Gabriele (Eds.). *Förderung der deutschen Sprache weltweit. Vorschläge, Ansätze und Konzepte*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2019, p. 531-551.

ALTENHOFEN, Cléo; MORELLO, Rosângela et al. *Hunsrückisch: Inventário de uma Língua do Brasil*. Florianópolis: Ed. Garapuvu, 2018.

ALTENHOFEN, Cléo; STEFFEN, Joachim; THUN, Harald. *Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil*. São Leopoldo: Oikos, 2018.

ALTENHOFEN, Cléo; THUN, Harald. As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do Sul do Brasil e Bacia do Prata. A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados. Londrina: Eduel, p. 371-392, 2016.

BARGHINI, Alessandro. O milho na América do Sul pré-colombiana: uma história natural. Pesquisas. *Antropologia* 61, 2004.

COSERIU, Eugenio. Linguistic change does not exist. *Linguistica Nuova et Antica. Rivista di Linguistica Classica Medioevale e Moderna*. Galatina: Congedo, 1983.

CUNHA, Jorge Luiz da. *Os Colonos alemães de Santa Cruz e a fumicultura: Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, 1849-1881*. 1988.

DRECK. In: Duden online, 2021. Disponível em: <https://www.duden.de/rechtschreibung/Dreck>. Acesso em: 28 de setembro de 2021.

DRECKBAUER. In: *Südhessisches Wörterbuch*. Band I. 1965—1968, colunas 1679-1690.

DUNNING, John; BELTON, Willian. Aves Silvestres do Rio Grande do Sul. *Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul*, 3ª edição, Porto Alegre, 1993.

ENDRUSCHAT, Annette; SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen. *Einführung in die portugiesische Sprachwissenschaft*. Tübingen: Narr Francke Attempto Verlag, 2014.

GIDDENS, Anthony. (1984). *The constitution of society: Outline of the theory of structure*. Berkeley: University of California Press.

HOFMANN, Kerstin. Akkulturation und die Konstituierung von Identitäten. Einige theoretische Überlegungen anhand des Fallbeispiels der hogbacks. In: *Die Wikinger und das Fränkische Reich*. Wilhelm Fink, 2014. p. 21-50.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2008.

IDIOTIKON, Schweizerisches. *Wörterbuch der schweizerdeutschen Sprache. Begonnen von Staub F. und Tobler L. Bearb. von Bachmann A.* Bd. I—XIV. Frauenfeld, v. 1979, 1881.

JAEKEL, Roger. Lenda do Umbu. *Portal das missões*, c2021. Disponível em: <https://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/1757/a-lenda-do-umbu.html>. Acesso em: 30 de abril de 2021.

JAMES, Theodore. Maize: an historical, geographical and etymological essay. *South African Medical Journal*, v. 44, n. 49, p. 1408-1410, 1970.

LEXER, Matthias. *Mittelhochdeutsches handwörterbuch von Dr. Matthias Lexer*. S. Hirzel, 1878.

MATZKE, Judith. *Von Glauchau nach Brasilien. Auswandererbriefe von Ida und Ottokar Dörffel (1854-1906)*. Halle/Saale: Mitteldeutscher Verlag, 2018.

MICHAELIS, *Dicionário da Língua Portuguesa. Dicionário online Uol*. Editora Melhoramentos, 2009.

OBERACKER JR, Carlos. Transformações da língua alemã no Brasil. *Revista de antropologia*, 1957, p. 1-36.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Novos caminhos da geolinguística românica: um balanço. *Cadernos de Tradução*. Porto Alegre: Instituto de Letras, n. 5, 1999.

SINGER, Christine. *Zur Sonderstellung der deutschen Minderheit in Chile. Deutsche Auswanderer zwischen Mythos und Realität*. Konstanz, 1998.

SPREAFICO, Andrea. O que quer dizer “integração” nas sociedades de imigração?. *Sociedade e Cultura*, v. 12, n. 1, p. 127-138, 2009.

STEFFEN, Joachim. Einblicke in einen Sprachwechsel in Zeitlupe: Phasen des deutsch-portugiesischen Sprachkontakts in Südbrasilien in Briefen aus zwei Jahrhunderten. In: BÜRING, Daniel; LENZ, Alexandra N.; RITT, Nikolaus (Hg.): *German Abroad: Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt-und Mehrsprachigkeitsforschung*. Göttingen. V&R unipress, p. 131-157, 2016.

STEFFEN, Joachim; ALTENHOFEN, Cléo. Spracharchipele des Deutschen in Lateinamerika: Dynamik der Sprachvernetzungen im mehrsprachigen Raum. *Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik*, p. 34-60, 2014.

TAVARES DE BARROS, Fernando. As denominações das abóboras no Hunsrückisch sul-americano. *Revista Linguagem & Ensino*, v. 23, n. 4, p. 980-1004, 2020.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: Findings and problems*. New York: Linguistic Circle of New York, 1953.

WILLEMS, Emílio. Acculturation and the horse complex among German-Brazilians. *American Anthropologist* N. S., New York, v. 46, n. 2, p. 153-161, 1944.

WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos emigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.

ZIMMERMANN, Walter. *Tiernamen in badischen Volksmunde*, 1914. Disponível em: [https://www.zobodat.at/pdf/Mitt-Bad-Landesver-Natkde-Natschutz-Freiburg\\_NF\\_1\\_0077-0092.pdf](https://www.zobodat.at/pdf/Mitt-Bad-Landesver-Natkde-Natschutz-Freiburg_NF_1_0077-0092.pdf). Acesso em: 03 de maio de 2021.

# LANGUAGE AS A MEANS OF APPROPRIATION OF THE NEW WORLD BY GERMAN IMMIGRANTS IN THE 19TH CENTURY

## ABSTRACT

This paper examines the connection between language and the appropriation of the New World by German immigrants in the nineteenth century. The need to name new elements leads to the creation of neologisms and the adoption of word complexes from the Portuguese language, among other actions motivated by issues such as subsistence, social and linguistic prestige and loyalty to the language brought from the homeland. In order to demonstrate the interrelationship between such motivations and their reflections on the language of these immigrants, the research is based on theoretical perspectives of sociolinguistics and pluridimensional and relational dialectology as well as on the analysis of the correspondence exchanged between immigrants and their relatives and friends in the matrix of origin.

**Keywords:** appropriation of the New World by German immigrants, neologisms, linguistic complexes.

Recebido em 25/05/2021.

Aprovado em 04/17/2021.